

Apossínclise: do uso à exaustão diacrônica

Aposynclisis: from use to diachronic exhaustion

Thiago Soares de Oliveira*

Instituto Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil

Resumo: Este trabalho objetiva conceituar o que se denomina de “exaustão diacrônica” a partir do abandono (ou diminuição de uso) das construções interpoladas e dos “níveis de permeabilidade da mudança”, a fim de ponderar que a modificação do registro escrito de uma construção sintática, quando ocorre, é um resultado da estabilidade e da uniformidade de fenômenos que já haviam sido abandonados na oralidade e que, se atinge o nível sintático, está-se diante de uma mudança profunda e sistemática. Para tanto, adota-se a pesquisa bibliográfica, já que fontes especializadas podem auxiliar na construção do arcabouço teórico necessário ao cumprimento do objetivo traçado. Por fim, conclui-se que o progressivo processo de apagamento de uso da apossínclise, após intermitências e/ou rarefações, deve-se a um processo de exaustão diacrônica que atravessa os níveis de permeabilidade da língua em relação à mudança, tudo em busca de maior clareza e exatidão no emprego das sentenças.

Palavras-chave: Linguística Histórica. Sintaxe diacrônica. Colocação pronominal. Apossínclise/Interpolação. Exaustão diacrônica.

Abstract: This work aims to conceptualize what is called “diachronic exhaustion” from the abandonment (or decrease in use) of interpolated constructions and “change permeability levels”, in order to consider that the modification of the written record of a Syntactic construction, when it occurs, it is a result of the stability and uniformity of phenomena that had already been abandoned in orality and that, if it reaches the syntactic level, it is faced with a profound and systematic change. For that, bibliographical research is adopted, since specialized sources can help in the construction of the theoretical framework necessary to fulfill the outlined objective. Finally, it can be concluded that the progressive process of erasing the use of the aposynclisis, after intermittence and/or rarefactions, is due to a process of diachronic exhaustion that crosses the permeability levels of the language in relation to change, all in search of greater clarity and accuracy in the use of sentences.

Keywords: Historical Linguistics. Diachronic syntax. Pronominal placement. Aposynclisis/Interpolation. Diachronic exhaustion.

FLP 25(1)

1 INTRODUÇÃO

Apossínclise ou interpolação é a quebra da adjacência entre o clítico e o verbo, opcionalmente diante do marcador de negação frásica “não”. Apesar de acolhida pela norma-padrão, “já não é hoje uma opção gramatical para todos os falantes do português” (Martins, 2013, p. 2233), motivo pelo qual, a partir de publicações

* Doutor em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense, com estágio de pós-doutoramento pela Universidade da Beira Interior. Professor de Língua Portuguesa, Coordenação Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras (Português/Literaturas), Diretoria de Ensino Superior das Licenciaturas, Instituto Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil; so.thiago@hotmail.com

existentes, explica-se, em parte, como se deu a exaustão diacrônica de uso da interpolação, isso com base nos níveis de permeabilidade da língua em relação à mudança.

A princípio, levanta-se o seguinte questionamento: Em que medida o entendimento de que o apagamento de uso da interpolação, por meio de um processo de exaustão diacrônica, contribui para o entrelaçamento de noções caras à Linguística Histórica¹, de modo que se possa estabelecer um elo entre o processo de mudança linguística e os respectivos níveis de permeabilidade da língua? Partindo disso, este trabalho objetiva conceituar o que se denomina de “exaustão diacrônica” a partir do abandono (ou diminuição de uso) das construções interpoladas, apontado por autores consagrados², após explicar o que se entende por “níveis de permeabilidade da mudança”, a fim de ponderar que o registro escrito de uma construção sintática em foco, quando ocorre, é, na verdade, um resultado da estabilidade e da uniformidade na ocorrência de fenômenos que já haviam sido abandonados na oralidade e que, se atinge o nível sintático, está-se diante de uma mudança profunda e sistemática.

Com a intenção de sustentar as concepções anteriormente mencionadas a partir da análise de construções onde se possa constatar a temática da aposínclise, buscaram-se, a princípio, no Google Acadêmico, com base em critérios pré-definidos³, trabalhos acerca do tema a ser desenvolvido. Destacam-se: a) a tese de Temponi (2008), intitulada *Aspectos da História Gramatical do Português: interpolação, negação e mudança*; b) os artigos de Martins, chamados *A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia* (2016) e *Variação sintática no português quinhentista: a colocação dos pronomes clíticos* (2015), além da tese intitulada *Clíticos na História do Português* (1994); c) o trabalho de Ximenes, nomeado *Um caso de próclise especial em texto do século XIX: a interpolação ou aposínclise* (2005); d) a tese de Magro, *Clíticos: variações sobre o tema* (2007). Trata-se de trabalhos que tangenciam o tema (ora mais, ora menos) e que podem servir de amparo para dar forma às concepções trazidas à baila, por meio da pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico.

Além disso, a relevância de um estudo que pretende voltar as atenções para determinados preceitos relacionados à Linguística Histórica, em especial a mudança linguística, está também no fato de, porventura, poder servir de ponto de partida para a facilitação do entendimento do processo natural por que passam as línguas vivas. Isso, se esmiuçado, seria um bom aliado ao combate ao preconceito linguístico devido ao não reconhecimento de percepções históricas que, acredita-se, necessariamente perpassam as diversas áreas do conhecimento, inclusive as que compõem a seara dos

¹ A exemplo da continuidade, da gradualidade e da relativa regularidade da mudança, como ressalta Faraco (2006).

² Referência geral a teóricos que voltam ao estudo da Linguística Histórica.

³ Procedeu-se à escolha dos trabalhos com base no tipo de fonte (excluíram-se os trabalhos de conclusão de curso, os artigos assinados apenas por graduandos e os que não versavam propriamente sobre a temática pesquisada) e na adequação à proposta da pesquisa (verificação se a área temática tangencia a intencionalidade deste trabalho).

estudos linguísticos⁴. Pensar a mudança linguística integra o ato de pensar a língua⁵ e, como não se pode desvinculá-la da noção de *continuum*, entende-se que determinados conceitos podem ser utilizados socialmente para o desfazimento de concepções inadequadas que levam ao estigma do indivíduo.

Dessa forma, sem a intenção de esgotar a discussão, outras visões e teorias a respeito do tema merecem ser objeto de reflexão como forma de delinear um pensamento que colabore para o entendimento de que ao processo de mudança linguística, objeto de estudo da Linguística Histórica, integram-se lacunas que representam o abandono, senão diminuição, seja de uma construção sintática, seja de uma estrutura lexical, seja de um valor semântico, entre outras possibilidades.

2 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE COLOCAÇÃO DO PRONOME ÁTONO

Vários estudos tradicionais, contidos em gramáticas normativas, abordam a sintaxe dos clíticos, na modalidade escrita, a partir de mecanismos de colocação que restringem o aspecto posicional do pronome oblíquo átono a três padrões: o proclítico, o enclítico e o mesoclítico (Cegalla, 2000; Almeida, 2005; Cunha; Cintra, 2008; Bechara, 2009; Rocha Lima, 2011)⁶. Em contrapartida, outros autores apontam para uma dualidade entre a próclise e a ênclise (Martins, 2011), relegando à mesóclise condição que beira ao arcaísmo (Haffner, 2009) ou reivindicando que a construção *verbo auxiliar + clítico + verbo principal* seja, do ponto de vista pronominal, reconhecida como mesoclítica (Tomanin, 2009).

Sabendo que, em português, há vocábulos sem acentuação própria e que não gozam de autonomia prosódica, Almeida (2005, p. 491) entende que a questão da topologia pronominal tem a ver “única e exclusivamente [com] [...] a eufonia⁷, isto é, a harmonia, a agradabilidade do som, ou, ainda, a facilidade, a suavidade na pronúncia”. Apesar do excerto hermético, o professor aborda em seu compêndio dois aspectos, a saber: o sintático e o eufônico. Quanto à sintaxe de colocação, o autor assevera que, por serem complementares, os pronomes oblíquos átonos acomodam-se de modo “natural” em posição pós-verbal, exceto se o próprio verbo repele o pronome depois de si ou quando algumas palavras atraem o clítico para posição anterior.

⁴ Ainda que circunscrito majoritariamente aos pressupostos da Linguística Histórica, este trabalho adota um entendimento amplo no que se refere à seara teórica geral da Linguística, assim como o faz Weedwood (2002) ao compreender que, modernamente, esse campo do saber abarca todas as possibilidades de exame dos fenômenos da linguagem, incluindo os estudos gramaticais tradicionais e a filologia.

⁵ Termo utilizado de forma geral. Não há referência a uma corrente teórica específica.

⁶ Como critério para a seleção dos compêndios, utilizou-se o item 3 do sistema adotado por Oliveira (2018, p. 21), ao desenvolver tese de doutoramento a respeito da tradição gramatical, qual seja “a notoriedade das obras na seara dos estudos gramaticais da Língua Portuguesa, o que se consubstancia no número de edições publicadas das obras”.

⁷ A eufonia está relacionada à agradabilidade e à harmonia sonora, de modo que Guerini, Özbal e Strapparava (2015, p. 1483, tradução nossa) compreendem-na em referência “à simpatia inerente dos sons das palavras, frases e orações, e é utilizada para obter efeitos agradáveis, rítmicos e harmoniosos”.

Em linha de raciocínio aproximada, Bechara (2015, p. 605) discorda parcialmente da interpretação de Almeida (2005), ao expor que, apesar de a sintaxe de colocação, dentro de um idioma, obedecer a tendências variadas (gramatical, rítmica, psicológica, estilística), “durante muito tempo viu-se o problema pelo aspecto sintático, criando-se uma falsa teoria da ‘atração’ vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos”, mas acompanha o pensamento de Almeida (2005) ao entender que o assunto é de cunho fonético-sintático. Além disso, Bechara (2015, p. 605) também aponta a distinção entre o português brasileiro e o lusitano, pontuando que “muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano”.

Como a gramática normativa é alicerçada na tradição literária, que por sua vez é sustentada pelo tripé imposição, prescrição e legado histórico, como bem entende Oliveira (2022), ao que parece, ainda não se levaram em conta, nos compêndios prescritivos, as tendências do português culto (falado e escrito). Prova disso é que Luft (1976) considera a ênclise a colocação básica na língua culta (formal), pois corresponde à sequência verbo + complemento, “natural” da ordenação oracional, reafirmando o entendimento de Bechara (2015) de que os aspectos de liberdade de colocação pronominal átona obedecem, além da eufonia, a questões de ritmo, ênfase, etc. Conquanto anote tais prescrições na *Moderna Gramática Brasileira*, Luft (1976, p. 20) registra que “não faz nenhum sentido gramáticas brasileiras condenarem a colocação brasileira dos pronomes”, porque à gramática, no entendimento do autor, “cabe registrar - e não condenar - usos de linguagem”.

Quanto à eufonia, pela ausência de autonomia prosódica, a harmonia e a agradabilidade do som, bem como a facilidade e a suavidade na pronúncia, são elementos que devem ser considerados, expõe Almeida (2005). O autor, no entanto, explica que, em gramática, é relativa a conceituação de eufonia, e não absoluta, devendo se aproximar do que é habitual, costumeiro, geral, sendo regra geral a posição enclítica nas sentenças, à moda lusitana, exceto se houver elemento que eufonicamente atraia o oblíquo. Apesar disso, as noções de naturalidade de uso e de espontaneidade de emprego devem também ser consideradas, não apenas porque o português brasileiro goza de certa liberdade de uso como também porque, como bem afirma Bechara (2015), o discurso limado de alguns autores, por conta da liberdade poética, foi veículo de transformações que, por vezes, tornam a língua obscura e quase ininteligível, sem mencionar o fato de que o falar espontâneo do brasileiro não coincide em totalidade com o lusitano (nem a escrita).

Diante disso, defende Mattoso Câmara Júnior (1974) que a impressão que se tem da eufonia é dependente dos efeitos acústicos a que se está habituado, estando ligada basicamente a um julgamento de sentido da audição. É nesse ponto que é preciso registrar, então, que a quebra das conformidades escritas ao longo do tempo, por caráter de eufonia, nem sempre é uniforme para aquele que maneja a língua. Ainda assim, distingue eufonia de expressividade, porque esta tem a capacidade, além de emocionar, de sugerir, dependendo da relação que é estabelecida entre os fonemas e a significação do vocábulo. A questão é que o uso do pronome átono é, segundo se entende e também de acordo com o posicionamento de Bechara (2015), uma questão

FLP 25(1)

de escolha ligada à eufonia e ao ritmo frasal. Ainda que outros fatores⁸ possam ser elencados como posicionadores pronominais, pensa-se, a questão sintática e a fonética são as que precipuamente merecem desenvolvimento teórico, por se tratar praticamente de um consenso na área geral dos estudos linguísticos formais de colocação pronominal.

3 EXAUSTÃO DIACRÔNICA: CONCEITO E APLICAÇÃO À APOSSÍNCLISE

Já se sabe que gramáticas normativas de língua portuguesa do século XX pouco ou nada abordam a respeito da colocação pronominal apossinclítica na escrita, restringindo o aspecto posicional do clítico basicamente a três padrões, quais sejam o proclítico, o enclítico e o mesoclítico sendo que este último, “tanto no português brasileiro, como no castelhano [...] perde-se gradualmente e a próclise torna-se dominante” (Haffner, 2009, p. 9). Antes, porém, da suposta descontinuidade de uso escrito da mesóclise, outra forma de posicionar o clítico também era de uso pleno⁹: a apossínclise.

Com efeito, os princípios da economia linguística e do equilíbrio do sistema¹⁰ tendem a facilitar o manejo da modalidade oral, o que, por sua vez, pode, com o tempo, refletir-se na escrita como um resultado da estabilidade e da uniformidade na ocorrência de fenômenos que, inicialmente, desenvolvem-se na oralidade, por ser esta, a nosso ver, o primeiro nível de permeabilidade¹¹ da língua, de modo que se busque a inteligibilidade completa das situações de comunicação e de interação, passando posteriormente à escrita, ou seja, podendo atingir ambas as modalidades. Os trabalhos selecionados investigam justamente a estabilidade e a uniformidade na ocorrência da interpolação, já considerando que a escrita (formal) está no último nível de permeabilidade da língua. Eis a Figura 1:

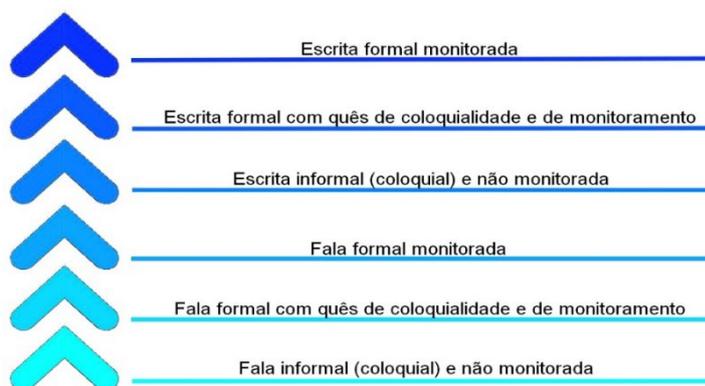
FLP 25(1)

⁸ Um dos principais fatores é o estilo, que diz respeito ao modo como o indivíduo se exprime por meio da língua, valendo-se das várias possibilidades combinatórias possíveis do uso do pronome átono. Consoante aponta Mattoso Câmara Júnior (1974, p. 167), o estilo decorre “do nosso impulso emotivo e do propósito claro ou subconsciente de sugestionar o próximo”.

⁹ Entende-se como “uso pleno” a amplitude da frequência de uso de terminada construção (fonético-sintática, no caso em questão) em determinada época.

¹⁰ Ao abordar os dois condicionalismos que interagem no processo de mudança linguística, um interno e outro externo à língua, Carneiro (2006, p. 13) explica que, “se a língua se organiza como um sistema dinâmico em permanente busca do equilíbrio, as suas estruturas poderão ser, elas próprias, causadoras da mudança: oposições que não se revelem funcionais podem desaparecer, já que um princípio de economia tenderá a eliminar redundâncias, ou novas oposições podem ser criadas no sentido de preencher lacunas que um princípio de clareza necessária à comunicação tenderá a colmatar. Por outro lado, sendo a variação inerente à fala, uma ou mais variantes podem coexistir sem que haja mudança; mas esse estado de variação pode resolver-se se, dado um determinado conjunto de factores condicionantes, linguísticos e/ou extra-linguísticos, uma das alternativas se impuser”.

¹¹ Quanto a tais níveis, considera-se a fala informal não monitorada como o nível que mais propicia a mudança linguística.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 1 - Níveis de permeabilidade da língua em relação à mudança¹².

Nesse sentido, quando se nota, na fala coloquial não monitorada, a princípio, uma variação regular de uso, dentre outros fatores, pode-se estar diante de uma futura mudança linguística, já que esta pressupõe aquela, ainda que o inverso não seja necessariamente verdadeiro. Já a escrita formal monitorada, pelo próprio fato de ser escrita, é mais conservadora: primeiro por ser uma substância mais duradoura que o som e estar situada na dimensão da permanência; segundo por estar mormente ligada a contextos sociolinguísticos de formalidade, como bem aponta Faraco (2006). Assim, estando diante de uma mudança que, além de estar no nível da escrita formal monitorada, também se dá em nível sintático, ocorreu processo gradual e lento em que a apossínclise, como forma de colocação pronominal durante o português clássico e o medieval (Martins, 1994), veio sofrendo um apagamento de emprego na escrita durante os séculos, até que, no século XVII, tais registros se mantiveram travados, atrelados a uso específico. A esse apagamento denominaremos de “exaustão diacrônica”. Eis a Figura 2:



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 2 - Níveis de permeabilidade gramatical à mudança.

A princípio, a Figura 2 demonstra o que Oliveira (2022) nomeia de núcleo duro da gramática normativa e representa, em grau crescente de permeabilidade, as áreas que mais facilmente admitem incursões inovadoras na língua. Sendo a Fonética aquela que dá conta dos sons da fala, se comparada a Figura 2 à 1, pode-se perceber que, antes de atingir a estaticidade e a permanência da escrita, é a fala informal não monitorada o nível mais permeável à mudança linguística. A permeabilidade diminui quando se passa ao nível morfológico, já que “o sistema morfológico de uma língua é avêso a tôda sorte de incursões inovadoras” (Cardoso; Cunha, 1978, p. 178), havendo pouca

¹² Conferir a abordagem de Faraco (2006) sobre o assunto.

flexibilidade para a criação e a inovação, por assim dizer. Por último, “a estrutura sintática [é] um sistema fechado, onde, no dizer dos linguistas, as inovações súbitas são evitadas” (Cardoso; Cunha, 1978, p. 178) e, por isso mesmo, acredita-se que, quando se está diante de uma incursão, um apagamento ou uma modificação no nível sintático, está-se diante de uma genuína mudança linguística.

Nesses termos, se entendido o apagamento da apossínclise, fenômeno ordinariamente sintático e com tons fonéticos de uso¹³, da língua escrita, lócus de conservadorismo e menor permeabilidade à mudança, está-se diante da ocorrência de um fenômeno que chegou à exaustão diacrônica, ou seja, a um conjunto de sincronias pretéritas em que se podem verificar a plenitude de uso, a rarefação e o apagamento (ou descontinuidade de uso), nessa ordem e em diversos graus. Isso não significa, entretanto, que a exaustão seja representada por travas temporais, mas por intermitências que, ao ocorrerem no sentido do apagamento de um fenômeno, acabam por exaurir as vias de uso, cristalizando-as no passado, sem que uma retomada de uso posterior, por qualquer razão possível de resgate do passado, seja elemento proibitivo. Ao contrário, a ocorrência da exaustão não impede por si só que determinado fenômeno retome futuramente o fôlego do emprego pleno, ainda que se saiba que, no campo sintático, isso é pouco provável, pelo próprio fato de a simplificação da comunicação ser o caminho primordial da fala. Essa simplificação, com o passar do tempo, reflete-se na escrita, de modo que ela se torne futuramente um registro mais simples de uma realidade para a posteridade.

Entender quando essa forma de colocar o clítico na sentença escrita chegou a um estágio de descontinuidade ou, pelo menos, de diminuição e/ou oscilação/intermitência de uso dentro do processo evolutivo dos padrões posicionais é, para a sintaxe histórica, compreender um momento, ou melhor, um período histórico de ruptura de uso escrito, a qual, apesar de marcar o abandono (ou menor recorrência) total ou parcial de um emprego específico, fortalece ou impulsiona, em contrapartida, usos outros que antes dividiam espaço na organização da topologia pronominal. Essas rupturas a que se faz alusão não são atípicas no processo de mudança linguística, porque esta pressupõe a renovação não só em padrões sintáticos, mas também em morfológicos, em lexicais, em fonéticos, etc. Isso porque, ao mudar, a língua pode descontinuar um uso, ou reforçá-lo, ou alterá-lo, ou ainda oscilar na frequência de ocorrência, o que, de certa forma, é marca do dinamismo que reveste as línguas vivas.

Por óbvio, se uma mudança pode ser constatada na modalidade escrita, possivelmente (e é bastante provável) isso já ocorreu na modalidade falada da língua, por ser, a priori, onde um processo variacional inicia-se e, ao se tornar regular, persistente e bastante uniforme, acaba por ocasionar uma mudança linguística. Esta, por sua vez, relativamente estável, mas não estática, diante de um novo processo variacional, pode vir a ser um novo ponto de mudança na língua. Nesse aspecto, é importante registrar que, embora a fala seja o lugar do uso espontâneo¹⁴, a verificação de fatos de língua na modalidade escrita ajuda a circunscrever as ocorrências no tempo,

¹³ Alusão ao critério de eufonia abordado no texto do estudo.

¹⁴ A escrita também pode ser espontânea, a nosso ver, mas, em razão da própria gênese, é revestida de artificialidade, pois adveio a posteriori em relação à fala, que representava as primeiras necessidades dos seres humanos, ainda que não da forma como conhecemos, até tanto os sistemas escritos quanto os de fala, por razões de diversas ordens, sofreram alterações ao longo do tempo.

graças ao caráter de permanência da escrita, que, devidamente registrada, pode ser acessada posteriormente ao momento de registro¹⁵.

Nesse ponto, na Linguística História, quando se investigam documentos que adquirem caráter histórico não apenas pela cronologia, mas também por conta da representação da visão de um determinado contexto de época, isso é capaz de reunir elementos, fatos, ocorrências que permitem ou virão a permitir o reconhecimento dos momentos de instabilidade dentro de uma relativa estabilidade, porque os sistemas se conformam à medida que os fenômenos ocorrem com maior ou menor frequência. Não se trata, entretanto, de uma conformação truncada, travada e estanque, mas regular, reconhecível e muitas vezes previsível, motivo pelo qual a cientificidade que reveste a LH é de suma importância para a verificação inclusive dos “condicionalismos” que interagem para que ocorram as mudanças, os quais, consoante Cardeira (2006), podem ser inerentes ao sistema ou externos a eles.

Em se tratando de língua portuguesa e buscando essas discontinuidades temporais de uso de determinada construção sintática, uma observação diacrônica relacionada, neste caso, à ocorrência da apóssinclise no português brasileiro faz sentido se delimitada a partir do século XIX, até porque, antes disso, as gramáticas sequer abordavam o assunto, consoante Lobo (2001). Além do mais, Martins (1994) bem registra que, no português clássico e no medieval europeus, esse tipo de colocação passou por um processo de apagamento, mantendo-se em usos específicos no século XVII. Nesse ponto, as ocorrências sintáticas (no caso específico), recorrentes há séculos, sofrem rarefação de uso em razão da própria mudança linguística resultante de processos variacionais resistentes e regulares chegando ao apagamento na escrita corrente. Da oralidade para a escrita, fomentam-se usos outros que passam a ser mais recorrentes em substituição ao que se deixa de ser notado.

FLP 25(1)

4 A CONSTATAÇÃO DA EXAUSTÃO LINGUÍSTICA DA INTERPOLAÇÃO

Em trabalho de 2005, Ximenes investigou a colocação dos pronomes oblíquos átonos em documentos oficiais do Governo da Capitania do *Siará Grande*, datados da primeira metade do século XIX. A partir de sessenta e sete (67) documentos formais da administração judiciária, o autor destaca a frequência da interpolação (apóssinclise) envolvendo os clíticos *se, lhe, a, o, os*, mas apenas diante da palavra negativa “não”, sendo mais frequente em orações subordinadas, ainda que não restrita a elas. O resultado de tal pesquisa destoa um pouco do posicionamento mais geral de Lobo (2001), que relaciona a interpolação à ocorrência de advérbios causadores de próclise, também apontando, no entanto, para a existência de construções apóssinclíticas. O que se percebe, em consideração a essas duas pesquisas, é que o século XIX de fato foi produtivo para se constatarem colocações pronominais interpoladas.

Ximenes (2005) constata que a língua brasileira não é naturalmente enclítica, mas próclítica, exceto quanto o verbo está no gerúndio, caso em que ocorre a ênclise, e diante de “não”, caso este que se encontra anotado, via de regra, apenas em obras da primeira metade do século XX (Maciel, 1931; Pereira, 1943). Isso confirma a assertiva de que a interpolação “tem um âmbito de uso muito restrito no português-padrão

¹⁵ A depender da sincronia pretérita estudada, podem ser utilizados outros meios de verificação do manejo da língua, a exemplo do gravador de áudio.

contemporâneo, ainda que fosse muito comum no português antigo” e que “nenhum dialeto conservou a interpolação generalizada do português antigo” (Martins, 2013, p. 2233), como anota Martins (1994), ao estudar documentos notariais portugueses dos séculos XIII ao XVI, quando a apossínclise era mais evidente. Em se tratando do caso brasileiro, então, é possível que o resultado publicado por Ximenes (2005) encontre rastro na teoria de Magro (2007) para o português europeu. Segundo a autora, a interpolação dialetal portuguesa em época contemporânea, na verdade, é uma inovação do século XIX, não representando uma continuação do que ocorria no português antigo.

Partindo desse entendimento e dos estudos de Martins (1994), esse tipo de construção sintática é legitimada apenas em contextos em que a próclise é obrigatória, sendo que, no período vicentino, havia estreita relação com o advérbio de negação, os pronomes pessoais sujeito, além de elementos dêiticos, palavras negativas, sujeitos não pronominais, entre outros (Martins, 2011). Tendo em vista que os estudos de Martins (1994) abordam especificamente os dialetos do português europeu, não há como negar que o processo mutacional típico das línguas vivas é gradativo, mas irrefreável, o que leva ao entendimento de que o uso escrito não mais sustenta a ocorrência da apossínclise. Agora, questões como estabilidade e mudança no sistema sinclítico devem ser consideradas no sistema brasileiro de colocação pronominal, conquanto se trate de assunto que toma vulto apenas na segunda metade do século XIX (Lobo, 2001), o que se considera historicamente como recente.

Por essa razão (o não esgotamento teórico-temático), não se vislumbra a apossínclise simples e puramente como arcaísmo sintático, mas dela se vale para entender como se dá a ocorrência dessa gradativa mudança a que estão sujeitas as línguas vivas até o processo de exaustão, senão vide o caso português na Figura 3:

FLP 25(1)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 3 - Representação da exaustão diacrônica apossinclítica portuguesa.

A Figura 3 representa, de início, o que Martins (1994) explica sobre a interpolação ser de ocorrência comum entre os séculos XIII e XVI, período medieval, mas não de igual forma. Alguns exemplos compilados por Martins (1994, p. 161, grifo da autora) demonstram que são particularmente frequentes as interpolações que envolvem “o advérbio de negação não, o sujeito (pronominal ou nominal), um sintagma preposicional ou um sintagma adverbial”. O Quadro 1 ilustra, com base em Martins (1994, p. 162-164, grifos da autora), uma das possibilidades ao longo de quatro séculos.

Quadro 1 - Interpolação diante de *não*.

Advérbio de negação <i>não</i>	(01) que me <u>nom</u> nēbram (NO, 1268)
	(13) que o <u>nō</u> outorgouã e que o <u>nō</u> cōssentiã (NO, 1310)
	(34) e se lhas <u>nō</u> dauam (NO, 1402)
	(57) e o que se <u>não</u> semea (NO, 1540)

Fonte: Martins (1994, p. 162-164).

Ensina a autora que, “a partir da segunda metade do século XIV a próclise torna-se cada vez mais comum atingido um pico de frequência com valores médios acima dos 80% no final do século XVI e início do XVII” (sic) (Martins, 2015, p. 84). Já no séc. XVII, “perdido o fenômeno de interpolação generalizada, característico do português medieval e clássico, só o operador de negação predicativa, *não*, continua a poder ocorrer interpolado entre o clítico e o verbo” (Martins, 1994, p. 299), sendo uma ocorrência específica que se inicia no século XVII, a partir de quando deixa de ter uso ordinário. Seguindo a análise, até o século XIX, “não há nenhuma evolução a registrar” (Martins, 1994, p. 308), pois,

Ao longo de todo este período, regista-se variação entre as ordens ‘clítico-não-verbo’ e ‘não-clítico-verbo’, nos contextos relevantes. A maior ou menor frequência com que cada uma das construções ocorre é função de usos individuais. Não há mudança gramatical a registrar. Provavelmente, é no século XX que a construção com interpolação deixa de existir na gramática de alguns (muitos?) falantes (entre os quais me incluo). (Martins, 1994, p. 308).

Nessa linha de pensamento, entende-se como sendo exaustão diacrônica uma forma sintática (ou fonético-sintática, ou de outra natureza) que passa do uso pleno (e.g., do séc. XIII ao XVI) ao uso não pleno (e.g., séc. XVII), mantendo tal forma de uso por três séculos (até o séc. XX), quando começa a entrar em desuso. Em outras palavras, a apossínclise ocorreu da plenitude à inexistência (ou manutenção de usos muito específicos), dentro de uma trajetória decrescente de uso na qual, quanto mais retrocedem os séculos, tanto maior o uso, mas, quanto mais sucedem os séculos, tanto menor o uso. Isso aponta, pelo que se entende, a linha evolutiva de um processo de mudança linguística que, após etapas e intermitências, chega à sua fase final: o não uso ou o uso extremamente restrito. Eis que ocorre uma exaustão de uso dentro do percurso diacrônico, isto é, dentro da dimensão histórica da língua, ainda que, para isso, fosse analisado um conjunto de dimensões estáticas pretéritas, as sincronias.

Além disso, a exaustão, quando ocorre, deixa marcas que podem ser verificadas. A exemplo do que apresenta Magro (2007), entre os séculos XIII e XVI a interpolação poderia se dar entre vários constituintes, ainda que com frequência diversa, o que já fora registrado por Martins (1994), sendo eles: advérbio de negação *não*, sujeitos pronominais ou nominais, sintagmas preposicionais, sintagmas adverbiais, objetos diretos, objetos indiretos, núcleos predicativos de natureza adjetival, participios passados em tempos compostos, infinitivos em construção de complementações ou em estruturas com auxiliares, constituintes de redobro do clítico, quantificadores e orações reduzidas. Das pelo menos doze possibilidades de ocorrência, o tempo se encarregou de rarefazê-las¹⁶, valendo lembrar que Magro (2007, p. 63) nota que, “mesmo durante este período, a interpolação é uma operação opcional, ainda que preferencial. Ou seja, a par dos inúmeros casos de interpolação existe um número significativo de casos de não-interpolação em contextos que a admitiriam”.

A percepção de Magro (2007) demonstra que, mesmo no português antigo, já havia intermitências de uso em determinados contextos e com certos constituintes.

¹⁶ Segundo Martins (1994), os casos de apossínclise passaram a decair a partir do século XV. No séc. XVI, aponta Fiéis (2001, 2003) que o uso da interpolação restringia-se basicamente ao advérbio de negação *não* e a determinados advérbios aspectuais, conforme registro de Magro (2007).

Isso, ao que parece, aponta para uma inicial exaustão marcada pela preponderância de algumas construções (as mais frequentes) em relação a outras (as menos frequentes), sendo ambas contextualmente possíveis e admissíveis, e/ou alternância de uso conforme o indivíduo que maneja a língua e a modalidade utilizada, registrando-se que “a influência literária é refinada e conservadora, enquanto o uso popular tende a mudar rapidamente”¹⁷ (Grandgent, 1907, p. 3).

Já do séc. XVII em diante, ocorre uma mudança no emprego dos pronomes átonos, segundo Martins (1994). A ênclise se generaliza em contextos em que havia a variação entre ênclise e próclise e a interpolação entre o clítico e o verbo perde a generalidade dos constituintes. O resultado foi, segundo Magro (2007, p. 65), que “a generalização da ênclise, iniciada no século XVII, irá prolongar-se e acentuar-se progressivamente ao longo dos três séculos seguintes, atingindo-se no final do século XIX uma baixíssima percentagem de ocorrência de próclise nos contextos relevantes”. Além do mais, “o cenário descrito para o período anterior altera-se radicalmente, perdendo-se a possibilidade de interpor quaisquer constituintes entre o clítico e o verbo, à exceção do advérbio de negação não que continuará a poder ocorrer nessa posição até aos dias de hoje” (Magro, 2007, p. 66).

Assim sendo, o que se constata é que uma trajetória diacrônica, aqui exemplificada pela ocorrência da interpolação, passa por períodos de exaustão, quando ocorre uma rarefação e/ou intermitência de usos, o que se reflete da oralidade na escrita, à medida que a língua vai se conformando ao uso em busca de um natural equilíbrio entre as formas.

FLP 25(1)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da oralidade à escrita, da fonética à sintaxe, a língua escrita vai se conformando ao uso na medida em que pode ultrapassar os devidos níveis de permeabilidade ao longo de seu desenvolvimento, ao longo dos séculos, ao longo da evolução.

Tomando por base o estudo do progressivo desuso da interpolação, entrelaçam-se conceitos caros à Linguística Histórica, tal como o é a mudança linguística, estabelecendo-se um elo entre ela e os níveis de permeabilidade da língua e dos departamentos do núcleo duro da gramática, o que contribui para o entendimento de que a mudança é progressiva e contínua, mas passa por períodos de intermitência e/ou rarefação de usos antes que uma forma deixe de ser empregada. E isso, que ocorre primeiro na oralidade, reflete-se na escrita seguindo graus de monitoramento diversos, sendo que, quanto mais monitorada ela é, tanto conservadora também será. Esse panorama apenas o estudo do processo evolutivo pode constatar, iniciando pelo estudo de sincronias pretéritas e avançando para diacronias, isto é, períodos mais longos.

Enquanto a mudança está, para Cardeira (2006), ligada a um critério de economia a partir do qual a língua se ajusta para se tornar inteligível, para Melo (1981), é o menor esforço que funciona como força motriz para certas mudanças. Já o entendimento aqui delineado é de que a exaustão de usos ao longo do tempo, em respeito a níveis de permeabilidade tanto da língua à mudança quanto dos

¹⁷ “Literary influence is conservative and refining, while popular usage tends to quick change” (Grandgent, 1907, p. 3, tradução nossa).

departamentos gramaticais, após intermitências, rarefações, recuperações e diminuições progressivas, conforma o uso ao longo do tempo, de modo que fiquem em voga elementos como a situação comunicativa e a necessidade do indivíduo que maneja a língua portuguesa. Em se tratando de uma língua materna, o que se busca é a exatidão e a clareza em suas expressões.

Nesse sentido, o resultado da intermitência de estabilidade e de uniformidade na ocorrência de fenômenos que já haviam sido abandonados na oralidade, quando atingem a sintaxe de uma língua, apontam para uma mudança profunda e sistemática que tende a se assentar, sendo ela capaz de ser diacronicamente representada, a exemplo da interpolação ou apossínclise.

REFERÊNCIAS

- Almeida NM. Gramática metódica da língua portuguesa. 45.^a ed. São Paulo: Saraiva; 2005.
- Bechara E. Moderna gramática da língua portuguesa. 37.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2009.
- Bechara E. Moderna gramática da língua portuguesa. 38.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2015.
- Cardeira E. O essencial sobre a história do português. Lisboa: Caminho; 2006.
- Cardoso W, Cunha C. Estilística e gramática histórica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1978.
- Cegalla DP. Novíssima gramática da língua portuguesa. 43.^a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 2000.
- Cunha C, Cintra LFL. Nova gramática do português contemporâneo. 5.^a ed. Rio de Janeiro: Lexicon; 2008.
- Faraco CA. Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial; 2006.
- Fiéis A. Interpolação no português medieval como adjunção a XP. Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL; 2001.
- Fiéis A. Ordem de palavras, transitividade e inacusatividade: reflexão teórica e análise do português dos séculos XIII a XVI [tese]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; 2003.
- Grandgent C. An introduction to vulgar Latin. Boston: DC Heath & Company; 1907.
- Guerini M, Özbal G, Strapparava C. Echoes of persuasion: the effect of euphony in persuasive communication. Human language technologies: the 2015 annual conference of the North American Chapter of the ACL. 2015;1483-1493. [citado 26 ago. 2023]. Disponível em: <http://aclanthology.lst.uni-saarland.de/N15-1172.pdf>.
- Haffner I. A evolução da mesóclise. Acta Hispânica. 2009;14:113-121. [citado 05 out. 2023]. Disponível em: <https://ojs.bibl.u-szeged.hu/index.php/acthisp/article/view/9682/9574>.
- Lobo T. Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil. Edição filológica análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2001. Vols. I e II.
- Luft CP. Moderna gramática brasileira. Porto Alegre: Globo; 1976.

- Maciel M. Grammatica descriptiva. 5.^a ed. Lisboa: Bertrand; 1931[1914].
- Magro C. Clíticos: variações sobre o tema [tese]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2007. [citado 29 ago. 2019]. Disponível em: <http://acta.bibl.u-szeged.hu/639/https://core.ac.uk/download/pdf/12425851.pdf>.
- Martins AM. Clíticos na história do português [tese]. Lisboa Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 1994.
- Martins AM. Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino. Estudos de Linguística Galega. 2011;3:83-109. [citado 19 fev. 2019]. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/339>.
- Martins AM. Posição dos pronomes pessoais clíticos. In: raposo EBP, et al., organizadores. Gramática do português. Vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian; 2013.
- Martins AM. Variação sintática no português quinhentista: a colocação dos pronomes clíticos. Estudos de Linguística Galega. 2015;7:83-94. doi: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/2373>. [citado 29 ago. 2019]. Disponível em: http://www.clul.ulisboa.pt/files/ana_maria_martins/Martins_2015b.pdf.
- Martins AM. A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In: Martins AM, Carrilho E, editoras. Manual de linguística portuguesa. Berlin/Boston: De Gruyter; 2016.
- Mattoso Câmara Júnior J. Dicionário de filologia e gramática. 5.^a ed. Rio de Janeiro: Jozon Ed.; 1974.
- Moresi E. Metodologia da pesquisa. Universidade Católica de Brasília. Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Brasília; 2003. [citado 27 ago. 2019]. Disponível em: <http://www.inf.ufes.br/~pdcosta/ensino/2010-2-metodologia-de-pesquisa/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>.
- Oliveira TS. Tradição, gramática e discurso: o posicionamento dos compêndios de normas [tese]. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem; 2018. [citado 05 out. 2023]. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/2018_tese-thiagosoaresholiveira_020920191528.pdf.
- Oliveira TS. Tradição, gramática e discurso. Campos dos Goytacazes: Essentia; 2022. [citado 26 ago. 2023]. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/livros/article/view/18192>.
- Pereira CE. Gramática expositiva: curso superior. 60.^a ed. [local desconhecido]: Cia. Ed. Nacional; 1943.
- Rocha Lima CH. Gramática normativa da língua portuguesa. 49.^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 2011.
- Tomanin CR. A cristalização da nova modalidade de mesóclise no português brasileiro [tese]. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista; 2009. [citado 13 abr. 2021]. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106225>.
- Temponi CN. Aspectos da história gramatical do português: interpolação, negação e mudança [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem; 2008. [citado 29 ago. 2019]. Disponível em: https://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/namiuti/TESE_NAMIUTI_2008.pdf.
- Weedwood B. História concisa da linguística. São Paulo: Parábola Editorial; 2002.
- Ximenes EE. Um caso de próclise especial em texto do século XIX: a interpolação ou apossíclise. IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia em homenagem a Said Ali. Anais [...]. 2005;IX-03, t. 2. [citado 27 ago. 2019]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/01.htm>.